



Tania Dauster: o campo da Antropologia e a Educação no Brasil

Tania Dauster: the field of Anthropology and Education in Brazil

■ Anderson Tibau; Andréa Pavão

RESUMO

Este artigo estabelece uma relação entre a trajetória da professora e pesquisadora Tania Dauster e a criação do campo da Antropologia e Educação no Brasil. Trata-se de um texto biográfico sustentado por três pilares principais, quais sejam, o pioneirismo na criação e a inclusão da disciplina antropologia e educação no primeiro programa de pós-graduação stricto sensu em Educação do Brasil, a transposição do fazer antropológico como estratégia para a formação de educadores e a docência dedicada à prática etnográfica na educação. Na articulação entre esses três aspectos da sua vida dedicada ao ensino da antropologia, reconhecemos a sua grande contribuição teórica ao conceber a própria educação como prática cultural. O texto faz uma síntese da participação de Tania Dauster na construção do campo da Antropologia e da Educação, desde o caráter interdisciplinar da sua formação, passando pela sua prática como docente e pesquisadora, e fazendo jus ao gênero de escrita etnográfica, não pôde deixar de trazer os relatos nativos espontâneos daqueles que cruzaram o seu caminho durante os quase trinta anos dedicados à vida acadêmica.

Palavras-chave

Tania Dauster. Antropologia e educação. Prática docente. Prática etnográfica.

ABSTRACT

This article establishes a relationship between the trajectory of professor and researcher Tania Dauster and the creation of the field of Anthropology and Education in Brazil. It is a biographical text supported by three main pillars, namely, the pioneering in the creation and inclusion of the anthropology and education discipline in the first stricto sensu graduate program in Education in Brazil, the transposition of anthropological practice as a strategy for training of educators and teaching dedicated to ethnographic practice in education. In the articulation between these three aspects of his life dedicated to teaching anthropology, we recognize his great theoretical contribution in conceiving education itself as a cultural practice. The text summarizes Tania Dauster's participation in the construction of the field of Anthropology and Education, from the interdisciplinary character of her training, through her practice as a professor and researcher, and also through the native reports of those who crossed her path during the almost thirty years dedicated to the academy.

Keywords

Tania Dauster. Anthropology and Education. Teaching practice. Ethnographic practice.

Introdução

Na antropologia social e cultural, “trabalho de campo”, “observação participante” e etnografia são muito mais do que metodologias, técnicas ou procedimentos de pesquisa. São processos de conhecimento e constituem práticas que os antropólogos utilizam para adquiri-las. A fusão entre pesquisa de campo e pesquisa de gabinete é uma revolução epistemológica que teve lugar no início do século XX. Até este ponto havia uma separação entre observações “in situ” e interpretações posteriores baseadas em dados coletados por missionários ou administradores ou por outras pessoas que não o pesquisador. O ofício do antropólogo tornou-se uma forma de desenvolver uma epistemologia. (Tania Dauster. 2015: 453)

Originalmente escrito como carta de indicação junto ao dossiê da candidatura da professora e antropóloga Tania Dauster ao *Prêmio "Excelência no Ensino de Antropologia"*, oferecido pela Associação Brasileira de Antropologia – ABA –, no ano de 2020, este texto foi pensado inicialmente como relato de suas realizações memoráveis, a partir de uma pesquisa biográfica assentada na análise de documentos, revisão de literatura e relatos testemunhais. O trabalho de busca ativa por apoiadores à sua candidatura junto a parceiros de trabalho, colaboradores e ex-alunos nos trouxe uma inesperada surpresa: além de manifestarem seu apoio, muitos decidiram, espontaneamente, dar seu testemunho sobre a atuação de Tania no campo.

Para nós, autores do texto, a tarefa de escrever este relato justificando sua candidatura ao prêmio representa uma espécie de *contra-dom* (Mauss: 2003), um atestado de honra e prestígio por termos recebido o título de Doutor em Ciências Humanas em Educação sob sua orientação no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPGE/PUC-Rio), processo pelo qual construímos outros olhares para a educação à luz da antropologia e nos tornamos pesquisadores e professores atuantes no campo da Antropologia e da Educação.

Ao traçar as linhas gerais da trajetória intelectual de nossa orientadora, encaramos a tarefa mobilizados pelo senso de responsabilidade e pela afetividade, essa “maré tardia que percorre a linha da memória”, como nos ensina Le Breton (2019) e cientes de que toda narrativa autobiográfica ou biográfica, como no nosso caso, traz uma série de acontecimentos que “tendem ou pretendem organizar-se em sequências ordenadas segundo relações inteligíveis”, como frisa Bourdieu (2006) ao tratar da ilusão biográfica. Contudo, o resultado final, mais que uma tradução da emoção existencial e íntima de dois herdeiros intelectuais, revelava-se um documento sobre o início do campo da Antropologia e da Educação no Brasil, tendo como principais pilares o pioneirismo na criação e na inclusão da disciplina antropologia e educação no primeiro programa de pós-graduação *stricto sensu* em Educação do Brasil na PUC-Rio

e oferecida também ao curso de Pedagogia daquela mesma universidade; a transposição do fazer antropológico como estratégia para a formação de educadores, e a docência dedicada à prática etnográfica na educação por quase três décadas, formando, nesse período, centenas de professores e de pesquisadores no campo da Antropologia e da Educação no Brasil. Além disso, como Tania nos ensinou, a antropologia não se faz somente de escuta e de observação, mas também de escrita, esse trabalho meticoloso que possibilita a socialização dos resultados de pesquisas, ou seja, a própria ideia de “reflexão sobre o que escrever” de que trata Oliveira (2000). E, nesse sentido, destacamos também seu papel no ensino de antropologia, através de suas importantes publicações.

Na articulação desses pilares, reconhecemos, ainda, a sua grande contribuição teórica, a de conceber a própria educação como prática cultural. Isso que, hoje em dia, pode parecer, sem dúvida, demasiado banal, mas foi o resultado de uma importante reflexão teórica baseada nos fundadores da antropologia, em articulação com Clifford Geertz (1989) e sua concepção semiótica de cultura como rede de significados. Pensar a antropologia e a educação, não de forma subordinada uma à outra, mas antes como um *saber de fronteira* é, sem dúvida, uma importante herança que devemos a ela no campo do ensino da antropologia.

Neste artigo, apresentamos parte da biografia de Tania Dauster como síntese das iniciativas e trajetórias caracterizadas como experiências de ensino de antropologia, explicitando os resultados em termos pedagógicos e didáticos na área de antropologia, assim como as realizações e méritos na construção de uma sociedade que considera e respeita a alteridade. Aqui, ex-alunos, ex-orientandos, colegas de trabalho e intelectuais de inúmeras áreas rendem justa homenagem a essa “*grande dama*” do campo das Ciências Humanas e que ajudou a construir pontes entre os campos da Antropologia e da Educação.

Pioneirismo

O Programa de Pós-graduação em Educação da PUC-Rio foi criado entre 1965 e 1966, período histórico marcado por forte repressão e controle político e ideológico em relação às instituições educacionais e científicas. Especificamente em relação ao Ensino Superior, as universidades eram palco de controle e intensas lutas e discussões, não só políticas, mas também de produção de conhecimento, que ficou marcado pelo predomínio das ciências exatas.

No período de redemocratização, por volta de 1980, iniciou-se um movimento nas áreas das ciências humanas de relativa crítica aos métodos quantitativos que nelas predominavam, assim como na pesquisa educacional, propondo uma abertura para os métodos qualitativos,

sem menosprezar os indicadores estatísticos como fontes de dados e problemas empíricos. Gradativamente, a investigação educacional passou a realizar estudos de caso, pesquisa-ação e pesquisas etnográficas.

Foi nesse contexto histórico que se deu a inserção da disciplina de Antropologia e Educação tanto no currículo do Programa de pós-graduação em Educação, quanto no curso de Pedagogia na PUC-Rio, pela professora Tania Dauster. O que pode, aparentemente, parecer um pequeno passo de mera construção curricular, representou um verdadeiro corte epistemológico no debate sobre a abordagem qualitativa de pesquisa no campo da educação e o advento da etnografia como estratégia teórico-metodológica.

Considerando que o mestrado em educação na PUC-Rio foi o primeiro a ser implantado, antes mesmo que as universidades federais ou estaduais o fizessem, esse feito denota o caráter pioneiro de Tania Dauster.

O perfil interdisciplinar de sua formação acadêmica, iniciada com a graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, UFRJ, passando pelo mestrado em Educação realizado na PUC-Rio sob a orientação da professora Vera Candau, o doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional (PPGAS), UFRJ, e pós-doutorado em Antropologia Social, também na Universidade Federal do Rio de Janeiro – Museu Nacional (PPGAS), UFRJ, ambos orientados pelo professor Gilberto Velho, marcou fortemente a sua prática acadêmica no ensino da antropologia. A influência de seu orientador foi decisiva na maneira como soube manejar a disciplina para a compreensão de problemas educacionais, voltada para o familiar e a problemas urbanos. Sem essa influência em sua formação dificilmente teria compreendido o fenômeno educacional como uma prática cultural e, portanto, objeto do campo antropológico.

Educação como cultura

Trata-se de transformar o educador, professor ou pesquisador em um antropólogo? Que usos o educador pode vir a fazer das teorias antropológicas e das categorias que orientam estas práticas? Como as crises internas ao campo da Antropologia podem afetar as leituras produzidas pelas apropriações que o educador opera, vis-à-vis o campo antropológico? Quais as tensões que se gestam, uma vez que as profissões do educador e do antropólogo expressam tão diferentes crenças, valores, estratégias de pensamento, disposições, atitudes e símbolos? Que dizer dos heróis, mitos e representações, sentimentos e ideias que configuram os imaginários distintos e particulares destas duas tribos, que se diferenciam nos seus gestos, interesses e aspirações? (Tania Dauster. 1994: 80)

Dauster concebe o ensino de antropologia a partir da noção de “saber de fronteira”, no qual os processos educativos são vistos como práticas culturais, ampliando, portanto, seu raio de ocorrência empírica para além dos limites da instituição escolar. A influência de Gilberto Velho em sua formação tem efeitos visíveis neste aspecto, tanto na prática como professora, quanto como orientadora no campo da educação, na medida em que soube incorporar em seu trabalho as contribuições da antropologia urbana e das sociedades complexas na construção de uma interdisciplinaridade, *avant la lettre*, entre antropologia e educação.

Nesse sentido, ressalta-se sua visão de educação como cultura, que inclui a descrição do cotidiano no qual as culturas se desvelam e a interpretação das sociabilidades, gêneros, rituais, estilos e modos de vida vão ampliando o conceito de educação.

Apesar de articular interdisciplinarmente o campo da Antropologia ao da Educação de forma não disjuntiva, jamais defendeu a conversão do pedagogo em antropólogo nem vice-versa. Ao contrário, sua preocupação sempre se centrou na formação do olhar antropológico na prática e na pesquisa educacionais.

Tania Dauster destacou a importância de uma postura relativizadora na formação docente, ressaltando as tensões entre o singular e o universal, que devem permear os horizontes do trabalho não só do antropólogo, mas também do educador. Desse modo, chama a atenção para a pesquisa no campo educacional a partir da etnografia, não apenas como um recurso metodológico, mas também como um recurso teórico que tem o conceito de cultura no seu centro e que permite ao pesquisador construir objetos de investigação propriamente antropológicos.

Considerações em torno do conceito de cultura, da “leitura” das relações sociais concretas e do significado delas emergente foram os aspectos buscados a partir de um mergulho na literatura. Para Dauster, o estudo de textos da clássica e contemporânea antropologia, internacional e brasileira, além da própria prática etnográfica permitiam ao professor lançar mão da abordagem antropológica para conhecer seu aluno com outras lentes, ou seja, analisando a heterogeneidade e a diversidade sócio-culturais. Questionava, assim, modos etnocêntricos que enxergassem inferioridade, onde havia diferença e/ou transformassem tal diferença em privação cultural. Assim, o conceito de educação relativizava a visão unívoca de mundo.

Resumidamente, essa virada epistemológica promoveu o desenvolvimento de pesquisas etnográficas no meio urbano ao mesmo tempo em que se construíam pontes que buscavam superar estereótipos e compreender a educação de forma ampliada, como sociabilidade

irrestrita, presente em situações cotidianas, escolares e não escolares, formais e informais. A concepção de educação como cultura, sustentada na teoria antropológica, e uma apostila na prática de estranhar o familiar, subsidiavam os alunos na interpretação de outros sistemas de referência que não os seus próprios, de formas alternativas de representar, de definir, de classificar, e de organizar a realidade e o cotidiano.

Teoria e prática

Podemos afirmar que Tania Dauster deu sentido à sua prática educacional trilhando as fronteiras da produção do conhecimento entre os processos educativos vistos de maneira ampliada como formativos e as especializações da antropologia urbana e das sociedades complexas na construção de uma interdisciplinaridade entre antropologia e educação. Desse modo, percebe-se um sistema de ensino baseado em leituras orientadas, em linhagens teóricas tornadas conhecidas e na apreensão da etnografia como opção teórico-metodológica. A experiência de aprendizado da antropologia empreendida por Tania se realiza tanto pela leitura e pelo debate dos clássicos da literatura antropológica, quanto pelo trabalho de campo, sempre a partir de uma concepção sobre “a prática e a descrição etnográficas ancoradas nas perguntas provenientes da teoria antropológica”. (Dauster, 2007:21).

A ideia de educação como prática cultural subsidia-se no conceito semiótico de cultura como teias de significados tecidos pelos próprios sujeitos, sendo a antropologia uma ciência fundamentalmente interpretativa que, através da observação participante e da descrição densa, busca a interpretação da interpretação por meio de “uma hierarquia estratificada de estruturas significantes” (Geertz. 1989:17).

Apesar de se valer de conceito tão refinado e contemporâneo, não se furtava da sólida contribuição dos clássicos, desde Malinowski, como fundador, passando por outros autores, tais como Lévi-Strauss, Marcel Mauss, Arnold van Gennep, Margaret Mead, Marc Augé, Fredrik Barth, Georg Simmel, Erwin Goffman, Howard Becker, Peter Berger e Thomas Luckmann, Roberto Cardoso de Oliveira, Roque de Barros Laraia, Roberto DaMatta, Otávio Velho e Gilberto Velho, Alba Zaluar, Everardo Rocha, Hermano Vianna, Myriam Lins de Barros, Mirian Goldenberg, Neusa Gusmão, Karina Kuschnir, Carlos Rodrigue Brandão, Eunice Ribeiro Durham, Ruth Cardoso e tantos outros. Observa-se, também, entre suas estratégias de transmissão da teoria e da prática antropológicas, a aproximação aos trabalhos da antropóloga visual, Patrícia Monte-Mór, e a utilização do cinema etnográfico como estratégia pedagógica

de ensino da antropologia, apresentando uma série de cineastas etnográficos, com destaque para Vincent Carelli e Dominique Tilkin Gallois, o que é, sem dúvida, mais um pioneirismo no processo de formação em antropologia e em educação.

Importante sublinhar, entre suas contribuições, o desenvolvimento de sucessivos projetos de pesquisa apoiados pelo CNPq por aproximadamente vinte anos, envolvendo alunos de diferentes níveis na prática de grupos de pesquisa e a criação do Grupo de Estudos de Antropologia da Leitura e da Escrita (GEALE). Ao longo dos anos, os projetos de pesquisa “Cotidiano, práticas sociais e valores nos setores populares urbanos – a difusão diferencial da escrita e da leitura e o significado da imagem entre os jovens”, “O papel da escola na formação do leitor – limites e possibilidades”, “O Campo Simbólico da Universidade – os professores, a diversidade cultural e a excelência acadêmica”, “Escrita na Universidade: os universitários e as relações entre leitura e escrita” e “Mulheres e Cultura Letrada – uma antropologia da formação de escritoras” levaram à organização de livros, publicação de artigos científicos, apresentações em congressos nacionais e internacionais, além da vasta produção de dissertações de mestrado e teses de doutorado sob sua certeira e carinhosa orientação.

Cumpre destacar, dentre suas publicações – 54 artigos, 24 capítulos de livro e 18 livros publicados e/ou organizados – os livros “Teia de Autores”, Editora Autêntica/2000, “Antropologia e Educação – um saber de fronteira”, Editora Forma & Ação/2007, “Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura”, Editora Lamparina/2010, e “Etnografia e Educação – culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis”, Editora Lamparina/2012.

No livro “Teia de Autores”, premiado com o Selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Tania Dauster e Pedro Benjamim Garcia apresentam o resultado de uma interessante pesquisa sobre a formação do leitor, a partir dos relatos dos renomados escritores da cena literária infantil e juvenil, Ana Maria Machado, Joel Rufino dos Santos, Júlio Emílio Braz, Luciana Sandroni, Luiz Antônio Aguiar, Marina Colasanti, Paulo Rangel, Roger Melo, Rogério Andrade Barbosa, Roseana Murray e Ziraldo.

Em “Antropologia e Educação – um saber de fronteira”, Tania Dauster convida ex-orientandos Doutores em Educação e organiza uma coletânea de etnografias, articulando o conhecimento antropológico aos processos de educação responsáveis pela constituição de identidade sociais. O livro contribui para a formação e atualização dos professores e de todos aqueles que precisam entender as bases culturais dos processos educacionais na contemporaneidade. Esta publicação é uma prova viva do legado de Tania

no ensino da antropologia, na medida em que reúne trabalhos de seus discípulos que dão continuidade a essa tradição.

“Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura”, organizado em parceria com sua ex-orientanda, Lucelena Ferreira, também recebeu o Selo Altamente Recomendável da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Trata-se de um livro cujos artigos abordam a formação de leitores e de mediadores de leitura; a leitura literária na construção da subjetividade; a relação entre literatura e oralidade; os desafios à formação de professores; as relações de crianças e de jovens com os produtos da indústria cultural; o ensino da leitura na perspectiva histórica; a leitura sob o ponto de vista filosófico.

A entrada da antropologia no campo da Educação possibilitou a ampliação de sentidos, na medida em que as relações sociais na escola, as culturas escolares, os processos de transmissão de saberes no cotidiano e a formação de docentes e as sociabilidades infantis e juvenis atravessam as fronteiras dos espaços e das práticas educativas formais e não formais, considerando outras formas de conceber e praticar a educação. O livro “Etnografia e educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis”, organizado por Tania Dauster, Sandra Pereira Tosta e Gilmar Rocha, reúne artigos de pesquisadores de instituições nacionais e estrangeiras, que atuam nos campos da Antropologia e da Educação.

No ano de 2007, Tania Dauster foi nomeada professora Emérita da PUC-Rio, época em que fundou e coordenou, junto com a professora Eliana Yunes, do Departamento de Letras, e o Professor Luiz Antonio Coelho, do Departamento de Artes, todos pertencentes ao quadro de docentes da PUC-Rio, a Cátedra UNESCO de Leitura PUC-Rio. Em razão da sua atuação na coordenação da Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio e da produção na área da “leitura” do GEALE, a professora Tania Dauster intermediou a participação brasileira no Projeto internacional “Lectura, escritura y desarollo en La sociedad de La información”, desenvolvido pelo Centro Regional para el Fomento del Libro en América Latina y el Caribe, CERLALC e pela Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, AECID, dirigido por Jesús Martín-Barbero e coordenado por Gemma Lluch Crespo, da Espanha, e Roxana Morduchowicz, da Argentina. O projeto contou com uma equipe de pesquisa composta por Anderson Tibau, representando o Brasil, Pablo Andrade, representante do Chile, Patricia Correa, como representante da Colômbia e Alma Martínez, representando o México.

Ainda pela Cátedra, em 2008, foi co-autora de “Atos de Leitura”, uma publicação das edições UNESCO. Em 2015, Dauster publicou o artigo “Aninter disciplinary experience in anthropology and education: memory, academic Project and political background”

na VIBRANT, Lastest Issue v. 17, no qual descreve a trajetória da disciplina Antropologia e Educação no PPGE da PUC-Rio. Percebemos, com essa publicação de 2015, a coerência do trajeto aqui definido e o quanto a professora se manteve fiel à tarefa de construir pontes entre a antropologia e a educação.

Ressaltamos, ainda, em sua produção, participações em três livros emblemáticos para os campos da Educação e da Antropologia e Educação: “A crise dos paradigmas e a educação”, de 1992, Editora Cortez, organizado pela professora Zaia Brandão, onde Dauster colaborou com o importante artigo *“Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo”*, “Múltiplos Olhares sobre educação e cultura”, de 1996, Editora UFMG, organizado pelo Prof. Juarez Dayrell, em que ela escreve *“Construindo pontes – a prática etnográfica e o campo da educação”*, e “Diálogos Sem Fronteira – História, Etnografia e Educação em culturas ibero-americanas”, organizado pela professora Sandra Tosta e pelo Professor Gilmar Rocha, editado pela Autêntica em 2014, resultado do Workshop – Diálogos Ibero-americanos sobre Etnografia na Educação, realizado em 2011, no qual Tania participou de uma mesa intitulada *“Quando o Campo é a Educação”*, ao lado dos professores Carlos Rodrigues Brandão e Marco Antônio Gonçalves. Tania Dauster colaborou nesse livro com o capítulo *“Discutindo a relação: Antropologia e Educação a experiência de ensino, pesquisa e extensão a partir de uma experiência de ensino, pesquisa e extensão”*.

Em 2017, dirigiu e assinou a apresentação, ao lado das professoras Cornelia Eckert, Neusa de Gusmão e Sandra Pereira Tosta, do número 49 da Revista Horizontes Antropológicos sobre Antropologia, Etnografia e Educação, que conta com um artigo de Andrea Pavão, que consolida e avança a tradição dos estudos da antropologia da cultura escrita voltados à formação docente. No mesmo ano, supervisionou o Plano de Capacitação Docente no âmbito do Departamento de Educação do Instituto de Educação de Angra dos Reis – IEAR-UFF – a pesquisa fotoetnográfica “Imagens da África – aspectos da natureza e da cultura na Namíbia”, em co-autoria com o seu ex-orientando, Anderson Tibau. Como resultado dessa supervisão, compôs, no mesmo ano, a mesa sobre Corpo e Arte no I Simpósio Internacional de Corpo, Imagem & Tecnologia, organizado pelo Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social – LIPIS/PUC-Rio.

No ano de 2018, Tania Dauster organizou a publicação “Memórias Acadêmicas” – a construção da memória da Pós-Graduação da PUC-Rio [Volume I]. Na atualidade, é pesquisadora da Rede Argonautas de Pesquisa em Antropologia e Educação, coordena e desenvolve o Laboratório de Memória do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio

(LAMPPGE/PUC-Rio), onde realiza a investigação intitulada "Fundadores" – a construção da memória da Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio.

Durante sua carreira como professora e pesquisadora, participou de encontros, fóruns e reuniões das principais associações acadêmicas dos campos da Antropologia e da Educação, divulgando os resultados de suas pesquisas e ampliando as fronteiras do conceito de educação. Podemos destacar suas participações em diversas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da ANPED, ANPOCS, das Reuniões de Antropologia do Mercosul e ENDIPE.

Recentemente, em março de 2022, Tania Dauster, ao lado de Carlos Rodrigues Brandão, Neusa Gusmão e outros antropólogos, participou do lançamento do site da Rede Argonautas de Pesquisadores em Antropologia e Educação, cujo projeto começou a ser desenhado desde os anos de 2015, quando a ideia da uma rede foi anunciada por um coletivo de pesquisadoras e pesquisadores da antropologia e da educação como um fenômeno das e nas culturas.

Sob a sombra da linhagem

Quando dei o título a esta palestra não escrita, eu o fiz com ambiguidade intencional. A linhagem não se refere aqui apenas a um termo para certas formas de grupo de parentesco, mas também para os antecessores muito ilustres, sob cuja ampla sombra intelectual trabalhamos. Para alguns, suas realizações e suas formulações parecem ser causas de desespero, rejeição ou retirada. Eu argumentei que tais reações estão fora do lugar. Podemos aceitar tanto criticamente quanto agradecemos o trabalho de Radcliffe-Brown e outros. Mas precisamos ampliar seu escopo, não seguindo assim muito suas afirmações teóricas abstratas e restritos paradigmas, mas suas hipóteses de gama média. História e psicologia podem então se tornar amigos com quem casamos ao invés de inimigos que não temos; a família e casa podem entrar totalmente na análise do domínio e seu modo de vida [...]. A linhagem ancestral será então algo para tirar vantagem, para construir, não para brigar. (Goody Apud Peirano, 2004:215 – tradução nossa)

Tania sempre fez questão de nos transmitir a ideia de linhagem teórica, através de clássicos e de contemporâneos. Isso para dizer que não existem “criadores criados”, mas, antes, famílias de pensadores e tradições teórico-metodológicas. Entre os antecessores ilustres de nossa querida professora, ao lado de Gilberto Velho, que já tivemos a oportunidade de mencionar, não se poderia deixar de referenciar Carlos Rodrigues Brandão, uma espécie de pai fundador da antropologia da educação no Brasil. Dele herdou a necessidade de articular educação e cultura. Mas, felizmente, como se espera dos bons discípulos, não se acomodou debaixo de sua ampla sombra intelectual. Ao contrário, soube avançar e, mais que avançar teoricamente, teve a generosidade de lançar sua própria sombra, tal como uma árvore frondosa

e acolhedora, sobre uma linhagem de descendentes intelectuais através de sua particular prática de orientação.

Segundo Peirano (2004: 210), “a orientação de um aluno é parte fundamental do processo mais amplo de reprodução, continuidade e expansão da antropologia”. Esta autora comprehende que “somos todos elos de uma sequência de gerações, e é por meio da relação que se desenvolve entre orientador e orientando que dois pesquisadores vivem uma relação estreita de cumplicidade teórica, inserindo o estudante em uma linhagem de antropólogos”.

Além de sua trajetória como professora e pesquisadora, Tania Dauster ocupa um importante lugar no itinerário acadêmico daqueles que foram seus alunos e orientandos. Muitos deles estão hoje nas mais importantes universidades do país, dando prosseguimento a essa linhagem e transmitindo o ensino da antropologia que aprenderam com ela, de forma original e rigorosa.

Tania não “ficou para semente”. Deixou semente. Seus alunos estão marcando presença nas mais importantes reuniões de Antropologia e Educação do Brasil e do exterior, divulgando os resultados das suas etnografias em educação. Sua importância e seu compromisso com a disciplina que ajudou a implantar também devem ser notados na continuidade da sua atuação no PPGE-PUC-Rio, tendo participado ativamente dos processos seletivos dos três professores, José Maurício Arruti, Marcello Sorrentino e Mylene Mizrahi, que a sucederam, desde que se tornou professora Emérita. O reconhecimento do coletivo de professores e funcionários do PPGE-PUC-Rio por toda dedicação de Tania Dauster àquele Departamento foi expresso numa Moção de Honra.

Um último, mas não menos importante destaque, diz respeito à forma intensa como Tania se dedicou à PUC-Rio, esse centro de formação de excelência, reconhecido nacional e internacionalmente. No Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio – Departamento de Educação – Dauster foi Coordenadora de Programa, Chefe de Departamento, Membro da Comissão de Carreira Docente, Assessora de Desenvolvimento do CTCH e Membro da Comissão de Carreira Docente do Departamento de Educação. Atualmente, segue como colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio. Durante parte do período em que esteve efetiva no Departamento de Educação do CTCH, entre os anos de 1997 e 1999, Tania Dauster abriu e dirigiu o Sub-Escritório da UNESCO/RJ.

Vale destacar que, em seu período de atuação na PUC-Rio, contribuiu ainda para a internacionalização do Departamento, por meio do diálogo com importantes pesquisadores do campo da leitura como Roger Chartier, Antonio Viñao Frago, Antonio Castillo e Jean Hébrard, que foram por ela convidados a dar palestras e cursos.

Para falar de Tania: a modo de uma etnografia

Durante a mobilização por apoios à candidatura de Tania Dauster ao Prêmio “Excelência no Ensino de Antropologia”, oferecido pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA), processo que contou com a colaboração das professoras Sandra Pereira Tosta e Mylene Mizrahi, foi inevitável acolher as diversas manifestações de testemunhos espontâneos de colegas e ex-alunos sobre a indicação e delas emerge um sentido nativo para excelência, esse substantivo utilizado para representar genericamente teor elevado.

Então, quais seriam as representações nativas para excelência, para o teor elevado no caso em tela? Do ponto de vista dos pares de variadas gerações, experiências de trabalho e vínculos afetivos, o melhor que Tania Dauster tem legado ao ensino de antropologia e à própria área das Ciências Sociais e/ou Humanas como um todo guarda estreita relação com as categorias “tempo”, “trajetória” e “dedicação”, com a longevidade de “quase uma vida inteira” voltada à pesquisa, ao ofício de professora e ao trabalho intelectual em torno de uma antropologia da educação, mais precisamente de uma Antropologia e Educação. Não são poucas as menções sobre o quanto se aprendeu (e se aprende) com seus textos publicados em livros, periódicos, anais de encontros científicos no Brasil e no exterior, e suas participações nas mesas, encontros, reuniões, bancas, congressos, seminários, palestras e colóquios por toda parte, fazendo dela uma “referência” na constituição do debate e na construção de saberes da antropologia e da educação.

Sobre as relações entre educação e antropologia, as experiências teóricas e práticas de Tania Dauster são tidas pelo conjunto dos apoiadores/informantes como “pioneiras” e “relevantes”. A excelência do seu trabalho é representada pela incidência das suas ideias, em termos de “influência” e “inspiração”, nas mais variadas produções no campo da Antropologia e Educação, no Brasil ou no exterior.

Como último destaque, importa sublinhar a relação que os apoiadores estabelecem entre si e o aval à candidatura da professora Tania Dauster nos termos de expressões afetivas de entusiasmo, devoção, grande admiração, honra, prazer, endosso e agradecimento.

Seguindo a tradição do método etnográfico, que tende a olhar o outro da forma como o outro se vê, buscando a tão almejada, porém difícil de ser alcançada, descrição densa, como seus herdeiros diretos que somos, preferimos, no lugar de encerrar este texto com palavras nossas, deixá-lo entreaberto, no melhor estilo antropológico, entre pontos de vista nativos e em seus próprios termos:

“Em tempos em que o próprio tempo parece haver sido tão encurtado, e em tempos em que as próprias vocações tendem a ser tão mutáveis, há pessoas cuja vocação a uma causa atravessa uma vida quase inteira. E cujo tempo de dedicação a algo de extremo proveito pode ser mensurado em décadas. Tania Dauster é uma antropóloga dedicada há anos e anos à pesquisa, à docência e a diálogos ao redor de uma “antropologia da educação”. Por um desses mistérios que a própria antropologia ainda não logrou decifrar, sendo um campo do conhecimento e da partilha do conhecimento tão absolutamente essencial, a antropologia da educação, aqui e fora do Brasil, não tem sido considerada propriamente uma “área nobre”. Vivo a alegria de partilhar com a professora Tania Dauster, e mais um pequeno círculo de pessoas da antropologia, este território de saberes e práticas que, se mais compartido e conhecido, poderia aportar contribuições de inestimável valor tanto no campo das ciências sociais quanto no da própria pedagogia. Aprendi muito com o que li do que ela escreveu, e do que tive a felicidade de dialogar ao vivo com ela, para de novo aprender. Eis porque quero apoiar” (C R B)

“Escuchar a Tania ha sido un referente muy importante para mí en el trabajo de la antropología de la educación y, digamos que lo que yo pueda haber hecho a nivel nacional trae la inspiración y la influencia de Tania. Entonces, creo que sus trabajos y todo eso han llegado a incidir hasta Colombia en labores muy importantes” (M D)

“Tem esta o objetivo de prestar meu irrestrito e entusiasmado apoio à indicação do prêmio “Excelência no Ensino da Antropologia no Brasil”, promovido pela Associação Brasileira de Antropologia, para a colega e pesquisadora Tania Dauster, pela excelência de seu trabalho no âmbito da Antropologia e Educação.” (L A L C)

“Apoio sem dúvida a indicação da Tânia. Sua contribuição para as relações entre educação e antropologia foi pioneira e sua produção muito relevante.” (V C)

“Há muitos anos devoto grande admiração à professora Tania Dauster, altamente merecedora de reconhecimento da comunidade intelectual. Ou da sua área específica. Contem com meu irrestrito apoio, portanto com minha assinatura.” (N P)

“Tenho o máximo reconhecimento da importância da Profª Tania Dauster na constituição do debate e da construção de saberes da Antropologia no campo da “Educação” tendo sido beneficiado diretamente como aluno no processo de doutoramento, e tendo sua participação como membro da comissão avaliadora tanto de minha dissertação quanto de minha tese de Doutorado. Sua indicação ao prêmio “Excelência no Ensino da Antropologia no Brasil” é absolutamente legítima, importante e expressa verdadeiramente o campo. Muito obrigado por poder participar dessa indicação” (J A O D)

“É com imenso prazer que apoio o nome da Professora Tânia Dauster para receber o Prêmio “Excelência no Ensino da Antropologia no Brasil”. Conheço a excelência do trabalho que ela vem realizando e tive a oportunidade, na qualidade de antigo Representante do Brasil na UNESCO, apoiá-la por ocasião do lançamento da Cátedra Unesco de Leitura PUC Rio de Janeiro.” (G H C)

“Endosso a candidatura de Tania Dauster a esse prêmio, com muito prazer!” (L F D D)

“La profesora Tania Dauster tiene, por supuesto, mi total apoyo para la obtención del premio “Excelencia en el Ensino de la Antropología en Brasil”. Conozco desde hace años su trayectoria profesional, investigadora y docente, y estimo que dicho premio vendría a reconocer el mérito y excelencia de la misma” (A V F)

“Sinto-me muito honrada de poder assinar esse documento de apoio à querida Tania para o prêmio da ABA. Sou admiradora da sua trajetória na área da Antropologia da Educação, do seu apreço pelo livro e pela leitura e da sua enorme dedicação como mestra de tantos alunos e alunas. Ela sempre foi uma incentivadora de primeira hora do meu trabalho e colaborou enormemente com o campo da Antropologia Visual com os apoios que sempre nos deu quando esteve na UNESCO.” (P M-M)

“Em nome do Departamento de educação, agradeço pelo movimento em torno da indicação da Professora Tania Dauster, reconhecimento absolutamente merecido. Hoje, em reunião ampliada do Colegiado da Pós-Graduação, a indicação foi aprovada por unanimidade. O Departamento encaminhará uma carta de apoio à candidatura da Professora Tania.” (C C)

Esses foram alguns dos depoimentos espontâneos colhidos do conjunto de oitenta e três profissionais que apoiaram a candidatura de Tania Dauster ao Prêmio “Excelência no Ensino de Antropologia” da ABA 2020, que acabou sendo concedido à sua companheira de jornada na construção do campo da Antropologia e Educação, a professora Neusa Gusmão, igualmente merecedora de homenagens e de reconhecimentos pela excelência de seu trabalho.

Este artigo é uma forma de tornar público nosso *contra-dom* pela dádiva de termos sidos introduzidos no mundo da pesquisa em antropologia e educação pelas mãos de Tania Dauster. É uma homenagem, um tributo e, ao mesmo tempo, um compromisso de dar continuidade a esta linhagem de pesquisadores através da formação de futuros professores.

Referências

- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina & FERREIRA, Marieta M. (orgs.). Usos e abusos da história oral. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- DAUSTER, Tania. An interdisciplinary experience in anthropology and education: memory, academic project and political background. VIBRANT (FLORIANÓPOLIS), v. 12, p. 451-496, 2015.
- DAUSTER, Tania; TOSTA, Sandra Pereira & ROCHA, Gilmar (orgs.). Etnografia e educação: culturas escolares, formação e sociabilidades infantis e juvenis. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2012.
- DAUSTER, Tania & FERREIRA, Lucelena (orgs.). Por que ler? Perspectivas culturais do ensino da leitura. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2010.
- DAUSTER, Tania (org.). Antropologia e Educação – um saber de fronteira. Rio de Janeiro: Editora Forma & Ação, 2007.

DAUSTER, Tania & GARCIA, Pedro Benjamim (orgs.). *Teia de autores*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

DAUSTER, Tania. Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo; In: BRANDÃO, Zaia (org.). *A Crise dos Paradigmas e a Educação*. São Paulo, Editora Cortez, 1994.

DAUSTER, Tania. Um saber de fronteira entre Antropologia e a Educação In: DAUSTER, Tania (Org.). *Antropologia e Educação*. Rio de Janeiro, Forma e Ação, 2007. p. 13-35.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC Editora, 1989.

LE BRETON, David. *Antropologia das emoções*. Petrópolis, Editora Vozes, 2019.

MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo, Cosac & Naify, 2003.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Brasília/São Paulo, Paralelo 15/Editora UNESP, 2000.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida: reflexões sobre a orientação em Antropologia*. Florianópolis: Ilha, v. 6, n. 1 e 2, p. 209-218, 2004.

Anderson Tibau

Professor Associado da Universidade Federal Fluminense.

Doutor em Ciências Humanas – Educação.

E-mail: andersontibau@id.uff.br.

Andréa Pavão

Professora Associada da Universidade Federal Fluminense.

Pós-Doutora em Sociologia e Antropologia.

E-mail: andreapavo@gmail.com.